

Pastore acredita que uma nova recessão é a única alternativa

SÃO PAULO — Jogar o país numa nova recessão. Esta é, segundo a visão do ex-presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, a única saída para o Brasil: "Não porque a recessão seja um desejo dos economistas ortodoxos, mas porque, diante da desordem em que o governo, irresponsavelmente, meteu a economia brasileira, a recessão acompanhada de uma hiperinflação, é a única alternativa".

Na opinião do integrante da equipe econômica do governo Figueiredo, atualmente os brasileiros estão vivendo em dois países diferentes: "O país fictício, inventado pelo PMDB e pelo governo, e o país concreto, que é obrigado a viver com uma inflação bastante elevada, que ameaça escapar a qualquer controle e desaguar numa hiperinflação".

Pastore acha que não existe outro responsável pela atual situação e que o único culpado é o governo que, segundo

ele, praticou no ano passado uma política fiscal e monetária "irresponsável", que não conteve a demanda excessiva motivada pelo Plano de Estabilização Econômica: sustentou um congelamento de preços por um tempo muito longo; não fez os necessários cortes nos gastos públicos; manteve a taxa de juros negativa durante todo o ano passado, e violou todas as regras da economia de mercado.

Para Pastore, que ontem fez uma palestra para investidores do mercado acionário na BM and F (Bolsa Mercantil e de Futuros), o país convive hoje com as consequências dessas "irresponsabilidades governamentais". Ele acha que hoje não existe uma política econômica consistente, que o sistema "brando" de controle de preços (colocado em prática na semana passada) sózinho não solucionará o problema da inflação. Acha também que não há condições para um novo choque, a recessão é o único caminho que

resta e que isto, "infelizmente, custará caro à sociedade".

Falando sobre política monetária, o ex-presidente do Banco Central disse acreditar que será preciso que o governo deixe de utilizar a LBC como principal instrumento indexador da economia e passe a trabalhar com outro mecanismo, que pode ser a OTN ou outro índice de preços qualquer.

Ele é de opinião que o governo, no campo externo, terá que ampliar a moratória, uma vez que as reservas cambiais estão caindo a níveis muito baixos e os sinais de recuperação no superávit da balança comercial são ainda muito tênues. Argumenta que o governo não conseguiu cumprir o que prometeu, — proteger as reservas com a moratória. "Agora, acho que ou o superávit cresce rápido ou teremos que ampliar a moratória decretada", finaliza.